



CHAVES, Vania Pinheiro. Antônio Carlos Magalhães e a história do Brasil nos cordéis de Jotacê Freitas. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 143-157. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.143157>

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES E A HISTÓRIA DO BRASIL NOS CORDÉIS DE JOTACÊ FREITAS

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES ET L'HISTOIRE DU BRÉSIL DANS LE "CORDEL" DE JOTACÊ FREITAS

Vania Pinheiro Chaves¹

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas (FLUL)

RESUMO: Este artigo tem como objeto de estudo oito folhetos de Jotacê Freitas. Com mais de uma centena de textos de diferentes subgêneros da literatura de cordel, o poeta baiano tem privilegiado escritos satíricos e críticos em que denuncia problemas sociais políticos e econômicos da atual sociedade brasileira. "Poeta-repórter", ele é atraído sobretudo por personalidades e acontecimentos relacionados com o seu Estado natal. Este artigo visa demonstrar que Jotacê dedicou especial atenção ao famoso político baiano Antônio Carlos Magalhães, cuja participação na vida pública estadual e nacional se estendeu por mais de cinquenta anos. A análise dos oito cordéis revela que ACM neles atua ora como protagonista, ora como personagem secundária, mas sempre como anti-herói. Mais fantasioso que os outros folhetos, *A entrada de ACM no Panteão dos Orixás* está como eles inserido na tradição das formas populares de compor e narrar, da linguagem coloquial, do estilo peculiar e altamente comunicativo. A análise demonstrou ainda que Jotacê Freitas faz parte do grupo de poetas que atualizou a literatura de cordel e abandonou a visão de mundo conservadora, a ideologia reacionária, dos cordelistas e cantadores nordestinos do passado.

Palavras-chave: Literatura de Cordel, folhetos de Jotacê Freitas, sátira, crítica social econômica e política.

RÉSUMÉ: L'objet d'étude de cet article sont huit "folhetos" de Jotacê Freitas. Avec plus d'une centaine de textes appartenant à différents sous-genres de la littérature de cordel, l'auteur, né à Bahia, a privilégié la création d'écrits satiriques et critiques où il dénonce les problèmes sociaux, politiques et économiques de la société brésilienne actuelle. "Poète-reporter", il est avant tout attiré par les personnalités et les événements liés à son pays d'origine. Cet article vise à démontrer qu'il a consacré une attention particulière au célèbre homme politique Antônio Carlos Magalhães, dont la participation à l'administration politique de l'état de Bahia e du Brésil a duré plus de cinquante ans. L'analyse des huit "folhetos" révèle qu'ACM agit tantôt comme protagoniste, tantôt comme personnage secondaire, mais toujours comme anti-héros. Plus fantaisiste que les autres poèmes, *A entrada de ACM no Panteão dos Orixás* s'inscrit, comme eux, dans la tradition des formes populaires de composition et de narration, du langage familier, d'un style particulier et hautement communicatif. L'analyse démontre également que Jotacê fait partie du groupe de poètes populaires qui

¹ Doutora em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (área de especialização: Literatura Brasileira) em 1990.

ont remis au goût du jour la littérature de cordel abandonnant la vision conservatrice du monde, l'idéologie réactionnaire, des "cordelistas" et des "cantadores nordestinos" du passé.

Mots-clés : Littérature de Cordel, cordel de Jotacê Freitas, satire, critique socio-économique et politique.

*Toda a minha obra parte da realidade e, se minha realidade é cômica
– se não fosse trágica, nada mais natural que eu brinque com isso.*
Jotacê Freitas²

Introdução

Como assinalou o escritor Orígenes Lessa (1903-1986), antigo responsável pelo Setor de Literatura de Cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa e profundo conhecedor dos folhetos brasileiros,

O grande segredo da literatura de cordel talvez seja – e deve ser – a sua participação no mundo ao qual se dirige. O folheto popular não é uma literatura alienada ou de simples lazer. Consegue ser algo mais. É voz do povo em linguagem do povo. É veículo, interpretação e defesa de seus interesses, problemas, temores, protestos. Daí a sua espantosa sobrevivência numa luta desigual contra poderosos e sofisticados veículos de massa que disputam seu humilde mercado (LESSA, 1983, p. 1).

É exatamente nesse enquadramento que se situa a produção cordelística de Jotacê Freitas (ou apenas Jotacê), pseudônimo literário de José Carlos de Freitas, que nasceu em 1964, na cidade de Senhor do Bonfim (Bahia) e que, à semelhança dos heróis aventureiros da literatura popular, tem a existência marcada pela mudança e pela polivalência³. Autor de mais de uma centena de folhetos, ele compôs o primeiro – *A luta dos fiscais contra a danação dos feirantes* (1998) –, quando trabalhava como fiscal da Prefeitura, numa feira de Salvador⁴. Nele são recriadas situações que o poeta presenciou e figuras que conhecia. «Voz do povo em linguagem do povo», o folheto narra acontecimentos marcantes do seu cotidiano, preanunciando a linha mestra da sua produção cordelística.

Com dois "romances" premiados – *Panvermina e Zabelê nas quebradas do Sertão* (Prêmio Nacional de Literatura de Cordel da Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2005⁵) e *O rei cego e os filhos maus* (Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel – Edição Patativa do Assaré, promovido pelo MinC, 2010) –, Jotacê tem produzido, a par com este tipo tradicional de histórias de amor e de aventuras, adaptações de contos e fábulas, folhetos com temáticas educativas, direcionados quer para crianças e jovens, quer para professores e encarregados de educação. Confessou, no entanto, preferir os escritos circunstanciais, noticiosos e satíricos,

² Entrevista concedida a Edil Silva Costa (FREITAS, 2014, p. 109).

³ Comerciante, bancário, telexista, fiscal, jornalista, mamulengo, artista de rua, professor, animador cultural e folheteiro, José Carlos formou-se em Contabilidade, ingressou no curso de Letras que trocou pelo de Pedagogia. Poeta, autor e produtor de espetáculos teatrais, foi diretor da Comissão Baiana de Folclore e pesquisador no Programa de Estudos e Pesquisas de Literatura Popular (PEPLP) da UFBA, altura em que passou a compor folhetos profissionalmente, a realizar oficinas de cordel e a viajar por todo o estado da Bahia, para participar em festivais literários e feiras de livros.

⁴ Na entrevista que lhe fiz, Jotacê me contou que compôs o folheto instado por colegas de trabalho a narrar em forma de cordel a sua atuação como fiscal na feira de São Joaquim (Salvador). Imprimiu-o artesanalmente, tendo obtido sucesso junto de colegas e feirantes. Data, contudo, do ano 2000, a sua profissionalização como cordelista.

⁵ Entrevista por Edil Silva Costa, o autor declarou que esse prêmio impulsionou a sua carreira: "passei a ser mais respeitado e admirado por colegas que até então não conheciam minha poesia, o que resultou em participação em diversos eventos na capital e interior para divulgar, debater e ensinar a fazer o cordel" (FREITAS, 2014, p. 109).

o que transparece inclusive no título humorístico, irônico ou de duplo sentido de numerosos folhetos, tais como *O prefeito que arrancou o pau dos velhos* (2005) ou *Espanque um velho na rua mas não maltrate um cachorro* (2021).

Na entrevista que me concedeu, explicou que os seus cordéis se inspiram num fato real, a partir do qual ele “cria uma história ou simplesmente narra os fatos ao pé da letra”. Neles, são abordados acontecimentos políticos (*Heloísa Helena a senadora queimada?*, 2003), questões econômicas (*São 33 carrapatos sugando a população*, 2011), problemas sociais (*O professor que morreu na porta do IPS*, 2009; *Quem ‘bullyr’ com o colega pode ir pro internato*, 2010), assim como perfis de grandes vultos (*Jorge Amado não morreu*, 2001) ou de figuras ignóbeis (*Tem juiz se achando Deus mas nós sabemos que não!*, 2018). Não lhe sendo indiferentes ocorrências corriqueiras, com intervenientes anônimos ou de menor interesse (*O pastor que virou acarajé*, 2003; *O pincher miniatura que matou um pitbul*, 2006), Jotacê se mostra sobretudo atento aos acontecimentos mais importantes que, na altura, ocorreram no país e no mundo (*A Garota Guerreira contra Jaime Fiducão*, 2021⁶; *A batalha entre o capitalismo selvagem e a fé cega do Oriente*, 2001). Tais folhetos se enquadram plenamente no subgênero dos assuntos da atualidade – seja ela local (*O carro preto que assustou Itapuã*, 2011), estadual (*A Bahia é campeã em matar mulher e gay*), regional (*Vão matar o Velho Chico para regar o sertão!*, 2005), nacional (*O Brasil está ficando terrivelmente terrível*, 2019) ou internacional (*Cordel pandêmico*, 2020).

Os folhetos de Jotacê Freitas têm contribuído preferencialmente para a divulgação e o debate de relevantes questões nacionais. Como apontou Reginaldo Carvalho, o cordelista “já foi aplaudido pelo movimento gay e ‘vaiado’ pelos entusiastas da Lei da palmada [...], o que demonstra a diversidade de seu público-leitor, espalhado em vários cantos do país”, comprovando também que ele “tem captado os sentimentos de parte significativa da sua comunidade, sublinhando-os” (CARVALHO, R., 2014, p. 9).

O próprio José Carlos de Freitas relembra numa entrevista que começou exercer sua vocação jornalística em periódicos da cidade onde nasceu, que continuou a fazer crítica social no teatro e que sua necessidade de contribuir para a mudança da sociedade contaminou sua poesia, mas que foi o cordel que “sacou” este desejo. Entendendo que a função social é elemento constitutivo da literatura de cordel no Brasil, pois, na altura em que ela surgiu, a escassez de outros meios de comunicação “levou o cordel a ser o porta voz da notícia” (CARVALHO, E., 2014, p. 113). Típicos, portanto, da literatura de cordel brasileira, os assuntos tratados por Jotacê exprimem-se, como se verá, em formas características da tradição popular do Nordeste, de que não estão, porém, ausentes inovações e traços eruditos, compatíveis com as ideias do poeta e seu conhecimento da cultura da elite.

2. Antônio Carlos Magalhães: personagem secundária, mas não tanto

⁶ Sobre esse folheto, ver Vania Pinheiro Chaves. Tradição, inovação e atualidade no folheto *A garota guerreira contra Jaime Fiducão*, de Jotacê Freitas (CHAVES, 2023, p. 501-523).

Antônio Carlos Magalhães surge ainda como personagem secundária em três folhetos: *O apagão*, *A greve da polícia e o arrastão dos bandidos* e *O deputado baiano que surrou o presidente*. Sua curta presença nesses escritos não invalida a percepção de que nas “histórias” narradas, ele é o agente que despoleta ou soluciona o que acontece.

Editado a 4 de junho de 2001 e em conformidade com o seu título, ***O apagão*** trata da crise que afetou o fornecimento e distribuição de energia elétrica no Brasil, nos últimos anos do segundo mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso⁷ (1999-2002). O poema começa pela indicação de que o então presidente, surpreendido pela gravidade do problema, acusa Antônio Carlos Magalhães de o ter ocultado:

Então chega o Presidente
Falando para a Nação
– Fui pegado de surpresa
Não sabia disso não
A culpa é de ACM
Que ocultou informação
(est. 4)

Contrariamente ao que é habitual nos folhetos de Jotacê Freitas, não há notícia de que o senador baiano tenha realmente sido responsável pelo apagão, o que indicia o particular interesse do cordelista em lhe atribuir papel da maior importância – e negativo – num dos graves problemas nacionais ocorridos no tempo em que ele atuava politicamente em Brasília. Na ótica do narrador, embora que ACM fosse senador pelo Estado da Bahia – não tendo portanto participação nas tarefas governamentais –, o seu poder ou a sua inação se manifestava também no campo do Executivo, pois, como se lê noutro folheto, “Mand[ava] até no Presidente / FHC” (*A queda de ACM perante a população*, est. 3, v. 5-6). De qualquer forma, a “culpa” atribuída a Antônio Carlos Magalhães por FHC – que visava com isto eximir-se da responsabilidade que de fato lhe cabia – não é refutada no folheto, no qual a crítica à incompetência da generalidade dos políticos se alastra por outras estrofes, entre as quais as seguintes:

Como pode um país
Ser entregue ao desmando
Logo após as ditaduras
Veio em seguida os Fernandos
Um roubou outro falhou
Por falta do seu comando
(est. 11)

Eu fico estupefato
Me sentindo um idiota
Eles roubam falham aprontam
Tenho que ser patriota
Pagando todas as contas
Sustentando essa patota
(est. 18)

⁷ O apagão verificou-se entre 1 de julho de 2001 e 19 de fevereiro de 2002.

O apagão e o conseqüente racionamento da eletricidade são abordados de forma cômica e irônica por Jotacê, para quem “O país and[ou] pra trás”, apesar de estar “Cheio de tecnologia” e de “Se exhibi[r] pro mundo / Qual macaco em realejo” (est. 9). O próprio cordelista se apresenta como vítima desse retrocesso, satirizando as mudanças que isto provocou no seu cotidiano, tais como a necessidade de pôr de lado o micro-ondas, o computador e o *e-mail*, de adquirir um ferro a carvão, de trocar a geladeira e o *frizer* por um isopor. Seus problemas culminam num episódio caricato, em que o apagão o coloca em situação grotesca:

No meio da confusão
Tropeço em quase tudo
Outro dia meti o pé
Em algo mole no escuro
Quando olhei com a luz acesa
Era um penico sujo
(est. 15)

Datado de 14 de julho de 2001, ***A greve da polícia e o arrastão dos bandidos*** preanuncia no seu título os acontecimentos passados em Salvador dias antes de Jotacê Freitas os narrar e cuja responsabilidade é mais uma vez atribuída a Antônio Carlos Magalhães, que na altura não tinha intervenção direta na política baiana.

Deflagrado, de fato, no início de julho de 2001, o movimento reivindicatório por aumento dos salários levado a cabo pela PM de Salvador, a que aderiram outros órgãos e unidades de policiamento do interior do Estado, surpreendeu o cordelista para quem “A greve é um instrumento / De luta do trabalhador / [...] / Reivindicando direitos / Que a lei determinou” (est. 2, v. 1-2 e 5-6). O governador do Estado – César Borges⁸ – não acolheu a solicitação dos grevistas, pois “Pra ele o salário mínimo / Era o suficiente” (est. 5, v. 1-2). A Secretária da Segurança Pública, por sua vez, fugiu ao seu dever e “Desapareceu do Fronte” (est. 6, v. 3). Como é típico da literatura de cordel, opõem-se os bons e os maus – neste caso encarnados, pela mesma ordem, nos rebelados e nos representantes do poder –, cujo confronto é descrito e criticado em numerosas estrofes.

A falta de policiamento na capital possibilitou a atuação de um terceiro grupo: o dos marginais que “foram pras ruas / Aprontar barbaridades” (est. 19, v. 3-4), contando-se entre seus crimes vários assaltos, a invasão dum “chopicenter” e duma escola, e o assassinato dum estudante. A “baderna” só teve fim, quando “Deputados e soldados / Com o governo se reunia / Tentando entrar em acordo” (est. 32, v. 3-5). Após a menção dos danos causados pelo acontecido (mortos, feridos, libertação de prisioneiros, revogação de demissões) e da ausência de resposta ao aumento pedido pelos PMs, o folheto termina insistindo na necessidade do completo esclarecimento e da resolução do problema:

⁸ Filiado ao [PFL](#), César Augusto Rabello Borges (Salvador, 1948), durante a gestão de [Antônio Carlos Magalhães](#) a frente do governo da Bahia, ocupou o cargo de Secretário de Recursos Hídricos. Por ele impulsionado foi eleito em [1994](#), vice-governador do mesmo Estado e, em [1998](#), governador, mas não concluiu o mandato, para em [2002](#) eleger-se senador pela Bahia.

Este impasse eu não sei
Como irá terminar
Mas o importante é saber
A que responsabilizar
Pelas atrocidades
Que estão a se passar
(est. 36)

Note-se, contudo, que o cordelista havia acusado, inicialmente e de forma mais ou menos enigmática, Antônio Carlos Magalhães de ser o responsável indireto pelo sucedido. Ao referir que os graves acontecimentos narrados se deram no governo de César Borges, Jotacê rebaixa o seu desempenho, ao dizer que ele era “De Ondina caseiro baixo” (est. 4, v. 2) – metáfora que aponta para o Palácio de Ondina, residência oficial dos governadores da Bahia – e o considera incapaz de controlar o Estado, culpabilizando, em última instância, ACM a quem o governador se submete:

Por não ser autônomo e macho
Prefere agir na surdina
Pois de ACM é capacho
(est. 4, v. 6).

Em ***O deputado baiano que surrou o presidente***, datado de 3 de novembro de 2005, Jotacê Freitas aborda alguns acontecimentos que tiveram lugar em Brasília, no ano em o escreve e o país era governado por Luís Inácio Lula da Silva, a quem estende também a sua crítica. Em seu entender, Lula “Anda perdendo a moral / Com seu governo petista” (est. 2, v. 3-5), pois, apesar de ser considerado

Porta voz da honestidade
[...]
Ele e seus aliados
Tão com fama de ladrão
Trocaram o socialismo
Pela vil corrupção
(est. 3)

Dentre os acontecimentos históricos narrados de forma caricata, interessa abordar o episódio que dá título ao folheto, dado que é nele que ocorre a intervenção de Antônio Carlos Magalhães. Este episódio tem início com a ameaça de “Um deputado tucano” (est. 10, v. 1) – de fato o senador Arthur Virgílio Neto⁹ – de “surrar” o Presidente, se algo de ruim acontecesse ao seu filho¹⁰. Mas, sendo ele “O tucano velho esperto / Escapou do bafafá” (est. 15, v. 1-2), que prosseguiu com a intervenção de “Um deputado baiano” (est. 11, v. 1), cujo nome também não é mencionado na sua apresentação:

Um deputado baiano
Muito afoito e agitador
Que chegou lá no Planalto

⁹ Eleito senador em 2002, Arthur Virgílio Neto (Manaus, 1945) se tornou, em 2003, líder da bancada do PSDB, partido que ajudara a fundar. Um dos críticos mais firmes do governo do presidente Lula, Arthur Virgílio é praticante das [artes marciais](#): faixa vermelha em jiu-jítsu e faixa preta em judô.

¹⁰ Cf. *O Tempo*, 1 de novembro de 2005: “Brasília – Alterado, o líder do PSDB, senador Arthur Virgílio (AM), prometeu ontem dar ‘uma surra’ no presidente Luiz Inácio Lula da Silva se alguma coisa acontecer com sua família, que estaria sendo ameaçada por um policial supostamente contratado para levantar informações contra ele em Manaus”.

Com as bênçãos do avô
Comandante da Bahia
E ilustre senador.
(est. 11)

Todavia, a informação de que ele é neto do senador que “comanda” a Bahia, não deixa dúvidas de que se trata de Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto¹¹, mais conhecido como ACM Neto. A menção que o próprio deputado faz ao “grampo no celular” corrobora a ligação familiar dos dois famosos políticos baianos. Valentão como o avô, ACM Neto anuncia que

Iria para o palácio
Para pegar o operário
E lhe daria uma surra
Lhe deixando em frangalhos
(est. 13, v. 3-6)

Tal anúncio leva o presidente Luís Inácio da Silva a ligar para Antônio Carlos Magalhães para lhe pedir que acalme o neto (est. 16). Este, porém, já avançara para o ataque, descrito, numa cena fantasiosa – como admite o próprio cordelista (est. 1, v. 6) –, mas bem ao gosto dos poetas e do público da literatura de cordel:

O deputado partiu
Pra cima do presidente
Deu-lhe um murro nas fuças
Que lhe arrancou um dente
Outro murro na barriga
E uma rasteira potente.
(est. 19)

No meio da briga, ACM apareceu, “Pegou netinho na orelha / E para um canto levou” (est. 22, v. 3-4). Considerando que ele ultrapassara os limites, o avô manda-o para a Bahia “Paga[r] umas promessas” (est. 24, v. 2), embora o agressor se tenha desculpado e alegue ter aprendido com ele “A não baixar a cabeça / Ser baiano brigador” (est. 25, v. 5-6). O senador pediu desculpas a Lula, mas “riu-se por dentro” (est. 30, v. 1) e “tudo acabou em pizza” (est. 31, v. 1).

Intuindo que Antônio Carlos Magalhães antevia o neto na presidência do Brasil, por acreditar que “ele leva nas veias / A herança do [s]eu dom” (est. 30, v. 5-6), Jotacê reitera o retrato que já noutros folhetos vinha esboçando do longevo e poderoso político baiano, bem como da política brasileira do tempo.

Merece ainda sucinta atenção o folheto intitulado ***Facada em deputado foi vingança de eleitora!***, datado de dezembro 2006, pois nele se projeta a sombra de Antônio Carlos Magalhães, que não teve intervenção no relato. Inspirado num episódio verídico, o folheto conta que “um deputado baiano” (est. 9,

¹¹ Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto ([Salvador, 1979](#)), filho de [Antônio Carlos Magalhães Júnior](#) (diretor da [Rede Bahia](#)) e neto de [Antônio Carlos Magalhães](#), de quem se tornou herdeiro político, foi eleito em [2002](#), [deputado federal](#) pelo PFL, reelegendo-se em 2006.

v. 4) – cujo nome é omitido, mas que é, de fato, ACM Neto – foi esfaqueado por uma “eleitora” que não havia recebido o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) a que teria direito¹².

A este acontecimento descrito objetiva e friamente pelo narrador, junta-se a informação igualmente sucinta das reações do pai do agredido, que sofre um infarto, e da mãe que o socorreu. O folheto estende-se um pouco mais na apresentação da agressora, dos seus motivos, ações e prisão. Tendo o ACM Neto, “bem antes da eleição”, prometido que resolveria o seu problema, “Pois ele tinha poder / Pra fazer e acontecer / E tudo ele faria” (est. 14, v. 5-7), nada fez. Então, a eleitora, que fora demitida por ter ameaçado derrubá-lo, “Pra vingar da enrolação” (est. 19, v. 1) o esfaqueou.

O cordelista justifica o acontecido e contesta a prisão da agressora, por considerar que ela “É uma mulher honrada / Surtou por decepção” (est. 23, v. 2-3), até porque o deputado está vivo e “só anda preocupado / Com o que diz ao eleitor” (est. 20, v. 5-7). Adotando ponto de vista idêntico ao manifesto noutros folhetos, sustenta que

Ela passou uma mensagem
Pra toda população
Não permitir que os políticos
Façam a corrupção
Usando a imunidade
Da parlamentaridade
Fez justiça com as mãos.
(est. 21)

Apela à adesão do público, Jotacê Freitas argumenta que a justiça do país é desleal pois “protege os homens vis / Todos eleitos por nós / Para serem nossa voz / Mas só olham seus covis” (est. 22, v. 4-7). Finaliza, portanto, como havia iniciado, pois num longo preâmbulo denunciara a par com a situação miserável do povo, a indiferença e a corrupção dos políticos:

O pobre aqui não tem vez
Vive como camelô
Vende fruta e bugiganga
DVD e até ioiô
Cata lata e papelão
E a prostituição
Pra mulher e gigolô.
(est. 2)

Muito assaltante de ônibus
E traficantes também
Foram pobres na infância

¹² Dentre as numerosas notícias do acontecido, a que saiu na *Folha de São Paulo*, a 19 de dezembro de 2006 refere que “Dizendo-se revoltada com o aumento salarial dos deputados, a pensionista Rita de Cássia Sampaio de Souza, 45, utilizou uma peixeira de 40 centímetros para esfaquear o deputado federal Antônio Carlos Magalhães Neto (PFL), na tarde de ontem, em Salvador. [...] Presa em flagrante, Rita de Cássia disse que há um ano esteve no escritório de ACM Neto pedindo ajuda para a liberação de parte do seu FGTS que estaria retido em uma empresa prestadora de serviços para a Prefeitura de Ipiáú (353 km de Salvador). ‘O deputado não fez nada para liberar o meu dinheiro, mas apoia o aumento para os parlamentares, esta vergonha em um país de tantas vergonhas’, disse a pensionista, antes de ser levada para o Presídio Feminino de Salvador”.

Hoje estão se dando bem
Isso é no Brasil inteiro
Pois eu vi no jornaleiro
Só quem rouba obtém.
(est. 5)

Talvez o nosso país
Fosse até mais respeitado
Pois seu povo é corajoso
Trabalhador e honrado
Diferente dos políticos
Que não são nem autocríticos
Só corruptos e aloprados
(est. 8)

Aumentam o próprio salário
Chegando aos cem por cento
E por fora ainda recebem
Dinheiro pro complemento
Pra gasolina e os ternos
Funcionários quase eternos
Vivem do nosso sustento.
(est. 7)

A única marca da participação de Antônio Carlos Magalhães no folheto se resume no dizer “que [a atacante] é louca” (est. 18, v. 3), a que se segue bizarro comentário do narrador ao afirmar “Não vale[r] um palpite seu” (est. 18, v. 4), dado que ele avança contando que “Levaram a mulher presa / Porque tinham a certeza / De que ela enlouqueceu” (est. 18, v. 5-8). Esta discrepância – voluntária ou inconscientemente produzida no poema – não encontra justificção no que se passou na realidade, pois, num artigo de Luiz Francisco já citado, “O delegado Wilson Gomes, que autuou a acusada por tentativa de homicídio, di[sse] que Rita de Cássia apresentou ‘desequilíbrio emocional’ em seu depoimento” (Mulher esfaqueia ACM Neto e se diz revoltada com reajuste. *Folha de São Paulo*, 19 /XII / 2006). Informação semelhante consta no texto “Deputado ACM Neto sofre agressão a faca na Bahia”, datado de 18 de dezembro de 2006, localizado no portal de notícias da Globo na internet¹³:

‘Foi uma mulher louca, que não merece comentários’, afirmou o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), avô de ACM Neto, momentos antes de subir à tribuna do Senado, em Brasília, para discursar contra reportagem da revista *Isto É*, que afirma que o senador está em processo de declínio e ‘perde poder a cada dia’

Não se enganou, contudo, Jotacê ao defender a inimputabilidade da agressora. Entretanto, Rita de Cássia Sampaio de Souza não foi considerada inimputável no julgamento a que foi, de fato, submetida, tendo sido condenada à prisão.

¹³ <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1391841-5601,00.html> Acessado a 18/ 1/ 2024

Considerações finais

A análise e comentário dos folhetos em que Jotacê Freitas dedicou significativa atenção a Antônio Carlos Magalhães demonstrou que o poeta ousou denunciar os deslises, abusos, arbitrariedades do famigerado político baiano, bem como o poder tirânico e quase absoluto por ele exercido no campo da administração estadual e no do governo da nação. Tal como João Carlos Teixeira Gomes que, em *Memórias das trevas* (2001), devassou o período anterior da vida de ACM, José Carlos de Freitas decidiu enfrentar os riscos inerentes ao que escreveu e publicou, por considerar que esta era a sua obrigação de artista e de cidadão.

Como ficou assinalado na introdução, o poeta baiano valeu-se sempre de formas típicas da literatura de cordel brasileira na composição dos seus folhetos. No que respeita à poética, os cordéis examinados mantêm a tradição dos folhetos nordestinos: estão compostos em redondilha maior organizadas em sextilhas, com exceção de “Facada em deputado foi vingança de eleitora!”, formado por estrofes de sete versos, e da primeira estância de “A queda de ACM perante a população”, também ela uma septilha, como os seguintes exemplos:

É isso caro leitor	Os nossos pontos turísticos
Que ocorre em Brasília	Provas vivas da história
Não pense que fantasio	Mapeiam toda a cidade
Ou faço só arrelia	Preservam nossa memória
Essa é a verdade dos fatos	Mas no fundo são cenários
Pois saiba se não sabia	Pros turistas milionários
(O deputado baiano..., est. 32)	Com pose e posse notória
	(Facada em deputado..., est. 1)

A um pequeno número de versos brancos, somam-se versos com rimas consoantes, toantes e imperfeitas. Em geral, tal “imperfeição” fica a dever-se ao intuito de reprodução de formas do falar popular. Por entender que o conceito de “cordel” é mais abrangente que a simples aplicação de formas e fórmulas, Jotacê assume divergir de seus pares mais tradicionalistas que pretendem que “a forma única seja mantida, valorizam apenas as rimas soantes e a escansão clássica sem respeito à prosódia individual” (FREITAS, 2014, p. 21). Defende, por isto, que o “cordel estropiado” ou “de pé quebrado”, isto é, “aquele que não mantém de forma regular a métrica, a estrofe e o esquema rímico” (FREITAS, 2014, p. 21), contribui para a renovação da literatura de cordel. O que põe em prática nas estrofes iniciais de “A queda de ACM perante a população”:

O que nin guém es pe ra va	a
Es tá pa ra a con te cer	B
O que man da va em tu do	C
Co me çou a fe ne cer	B
Su a i ma gem a rroi na da	A
Ca ra -de- pau las ca da	A
Foi mos tra da na T V	b
Co nhe ci do A C M	X
Co mo o rei da Ba hi a	A

A rro tou por mui to <u>tem</u> po	b
To da a su a hi po cri si a	A
Se di zen do ho mem ho <u>nes</u> to	b
Por ta -voz da hon ra ri a	A

Como se pode verificar, as duas estrofes transcritas não apresentam a uniformidade estrófica tradicional: a primeira é uma septilha, a segunda (e todas as que compõem o folheto), uma sextilha. Elas também não respeitam as regras da métrica e da escansão clássica: embora a redondilha maior seja preponderante, em conformidade com a linha mestra da literatura de folhetos, há versos com mais e com menos sílabas métricas, como é o caso do verso 6 da primeira estrofe. Acresce que elas não adotam o esquema rítmico fixo e considerado típico por Márcia Abreu (2006): na sextilha ABCBDB, e na septilha ABCBDDb. No emprego das rimas há também grande variedade: aos versos brancos (“O que mandava em tudo”; “Conhecido ACM”), juntam-se outros de rimas consoante e toante (“arruinada”/“lascada”/“esperava”), de rimas imperfeitas (“tempo”/“honesto”) ou de extração popular (“acontecer”/“fenecer”/“TV”), em que só a vogal tônica **ê** é pronunciada).

Dentre os procedimentos da versificação do poema contam-se também os cavalgamentos ou *enjambements*, as rimas iniciais e internas, as assonâncias e aliterações:

“Antonio Carlos **Peixoto**
De Magalhães no brasão
 (A entrada de ACM no panteão, est. 1, v. 1-2)

Gerando seu próprio **meio**
Meio que vem e **meio que** vai
 (O apagão, est 6, v. 2 e 4-5)

“Escapou do **bafafá**
 Pois se houvesse um **fufufu**
 Seu **fi-o-fó** ia dançar”
 (O deputado baiano..., est. 15, v. 2-4)

Igualmente típica da literatura de folhetos nordestina, a linguagem dos folhetos analisados é de cariz popular, tanto na escolha lexical como na construção sintática. O discurso poético de Jotacê se caracteriza pela utilização de frases curtas e simples, pelo desacordo entre sujeito e predicado verbal, pelo incorreto emprego e colocação dos pronomes pessoais, pela quase ausência de pontuação. Conforme se lê a seguir.

“A avenida e o túnel / **Teria** nome de povo” (A farsa senadoresca..., est 18, v. 1.2)
 “**Ninguém nunca** mais viu **ela**” (A greve da polícia, est. 6, v. 4)
 Quando **o grampo lhe encrencou** (A entrada de ACM no panteão..., est. 12, v. 2)
Muito assaltante de ônibus / E traficantes também / Foram pobres na infância / Hoje estão se dando bem (Facada em deputado..., est. 5, v. 1-4)
 As evidências comprovam / Mas não conseguem provar / pois **tem bode expiatório** / **Em tudo que** é lugar (O deputado baiano..., est. 15, v. 2-4)

Para Jotacê Freitas, “Antropofagicamente todos os erros, barbarismos, cacofonias e redundâncias são úteis ao cordel e a toda literatura. Oswald de Andrade preconizou e Franklin Maxado confirmou” (FREITAS. 2014, p. 22).

Embora prevaleça o emprego do vocabulário coloquial-popular, o léxico dos folhetos é multifacetado, englobando brasileirismos¹⁴, estrangeirismos, termos antigos, modernos, técnicos, eruditos ou grosseiros. Os últimos, confessadamente inspirados por Gregório de Matos e Cuíca de Santo Amaro, os principais modelos do poeta. A versatilidade estilística de Jotacê é comprovada pelos versos transcritos:

“Que achavam que ele era **bicha**” (*O grampo...*, est. 13, v. 6)
“**Embolando os pentelhos**” (*O apagão*, est. 6, v. 3)
“Falando em **embromês**” (*A farsa senadoresca...*, est 3, v. 1)
“Usando a imunidade / Da **parlamentaridade**” (*Facada em deputado...*, est. 21, v. 5-6)
“Os homens formavam **séquitos**” (*A entrada de ACM no panteão...*, est. 2, v. 4)
“Beberam até o **arrebol** // Lá no **campus** do Canela” (*A queda de ACM... est.17, v. 6 e est. 26, v. 3*)
“**Assoreando** os rios / Negando a **Ecologia**” (*O apagão*, est 5, v. 5-6)
“Que pessimismo é **estresse**” (*O deputado baiano...*, est 8, v. 4)
“Até meu **computador** / Tive que **desconectar** / Deixei de enviar **imeio**” (*O apagão*, est 13, v. 1-3)

À primeira vista referencial, a linguagem do cordelista revela numerosas e variadas figuras de estilo, tais como metáforas, comparações, hipálages, hipérboles, eufemismos, jogos de palavra, etc. À sua saborosa imagística, inspirada, por vezes, no universo nordestino, junta-se o emprego frequente da sátira ou da ironia:

“**Montou na grana** do povo / **Igualzinho a gavião**” (*O grampo...*, est. 5, v. 5-6)
“Que **vendem a mãe num leilão**” (*Facada em deputado...*, est. 6, v. 5)
“O velho com **dor de corno** // Da mulher **come até bosta**” (*O grampo...*, est 20, v. 2 e est 15, v. 6)
“A cassação de acm / **Findou em sarapatel**” (*A farsa senadoresca...*, est 7, v. 5-6)
Mas se for para **apagar** / Tudo **apago** pela lei [...] / Se encontrar o Presidente / Também **lhe apagarei**” (*O apagão*, est. 10, v. 1-2 e 5-6)
“Se envolveu em falcatruas / **Como todo bom político**” (*A entrada de ACM no panteão...*, est. 15, v. 3-4)

O poeta se apropria de fragmentos de textos que denotam seus conhecimentos bíblicos, históricos, científicos e literários. Dá-lhes, por vezes, sentido diverso ou mistura-os com formas de pensar e de exprimir-se do povo.

“Acm pagaria / Com a **morte** seus **pecados** / **Dependurado num poste** / **De cabeça para baixo**” (*A farsa senadoresca...*, est 15, v. 1-4)
“Voltando à **Idade Média** / Onde a **treva** ditou planos” (*O apagão*, est 3, v. 5-6)
“**O homem é fruto do meio** / **No meio o homem se faz**” (*O apagão*, est 6, v. 1-2)

¹⁴ São todavia raros termos regionais, o que encontra justificação nas origens urbanas do poeta e no seu desinteresse em “fingir ser um poeta da terra”. Na entrevista que lhe fiz, Jotacê explicou: “Senhor do Bonfim, apesar de ser interior, caatinga, sertão, sempre foi centro comercial e político da região árida. Área urbana. Minha poesia está ligada à minha realidade e meus anseios. Escrevi muito pouco sobre a zona rural. Não tenho nenhum preconceito com quem escreve sobre o tema ou usa linguagem ‘roceira’, ‘caipira’, ‘de tabaréu’. Procuro ser fiel às minhas origens mas, a depender do enredo ou das personagens, uso regionalismos”.

“**Mundo mundo vasto mundo**’ / Que me venha a inspiração” (*A farsa senadoresca...*, est 13, v. 1-2)
“**O sertão não virou mar** / Como o profeta previa” (*O apagão*, est 5, v. 1-2)
“Minha Bahia querida / **Terra da promessa** / **Se plantar nem tudo nasce** / **Mas tudo que nasce é bão**” (*O grampo...*, est 1, v. 1-4)

A apresentação gráfica dos folhetos – formato, número de páginas, aproveitamento da contracapa, inclusão de xilogravuras, desenhos ou fotos na capa e no interior do poema – é a mais típica da literatura de cordel brasileira.

Ao concluir convém reiterar que, tal como os poetas populares que o antecederam, Jotacê Freitas dispõe de uma consciência formal legada pela tradição e dela se valeu para criar os seus cordéis. A temática dos folhetos analisados revela um cordelista atento aos atuais (e antigos) problemas sociais, econômicos e políticos do Brasil. Testemunha da História, ele não se limita a narrar acontecimentos do momento, apontando o caminho para a sua resolução. Semelhante a seus antecessores na consciência da sua condição de guia e das responsabilidades a ela inerentes, exalta a virtude e repudia a corrupção, o crime, mas deles difere pela instrução, valores e princípios, pois expressa visão própria e crítica. Não acatando a versão oficial do acontecido, assume ideias de reforma da sociedade próprias da esquerda.

Fontes

[Freitas], JOTACÊ. **O apagão**. Salvador: Editora Tapera, 2001.

NB: assinado “Jotacê / Salvador-BA / 4 junho 2001”

FREITAS, Jota. **O deputado baiano que surrou o presidente!**. Salvador: Editora Tapera, 2005.

NB: assinado “Jotacê Freitas – 3 de novembro de 2005”

FREITAS, Jotacê. **A entrada de ACM no panteão dos orixás**. Salvador: Editora Tapera, 2007.

NB: assinado “Jotacê Freitas / Salvador, 21 de julho de 2007”

FREITAS, Jotacê. **Facada em deputado foi vingança de eleitora**. Salvador: Editora Tapera, 2006.

NB: datado de “Salvador dezembro 2006”

FREITAS, Jotacê. **A farsa senadoresca pra proteger ACM**. Salvador: Editora Tapera, 2003.

NB: assinado “Jotacê Freitas – 752003 / Salvador bahia”

FREITAS, Jotacê. **O grampo que encrencou o senador**. Salvador: Editora Tapera, 2003.

NB: assinado “Jotacê Freitas – Salvador, 19 de fevereiro de 2003”

[Freitas] JOTACÊ. **A greve dos policiais e o arrastão dos bandidos**. Salvador: Editora Tapera, 2001.

NB: assinado “Jotacê – Salvador, 14 julho 2001”

[Freitas], JOTACÊ. **A queda de ACM perante a população**. Salvador: Editora Tapera, 2001.

NB: assinado “Jotacê / Salvador-BA / 18 maio 2001”

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 2ª reimpressão. Campinas: Mercado de Letras/ALR, 2006.

CARVALHO, Emiliana. Um herdeiro dos menestréis. Entrevista. *Escrítica.com.br* In: Jotacê FREITAS, **Cordel político pedagógico**. Salvador Vento Leste, 2014, p. 111-116.

CARVALHO, Reginaldo. Prefácio. In: Jotacê FREITAS, **Cordel político pedagógico**. Salvador Vento Leste, 2014, p. 9-11.

CHAVES, Vania Pinheiro. Tradição, inovação e atualidade no folheto *A garota guerreira contra Jaime Fiducão*, de Jotacê Freitas. In: **Literatura de Cordel. Olhares Interdisciplinares**. Org. Ana Maria Paiva Morão e outros. Lisboa, Caleidoscópico, 2023, p. 501-523

COSTA, Edil Silva. Entrevista. In Jotacê FREITAS, **Cordel político pedagógico**. Salvador Vento Leste, 2014, p. 107-110.

FREITAS, Jotacê **A Bahia é campeã em matar mulher e gay**. Salvador: Edição do Autor, 2018.

[Freitas], JOTACÊ. **A batalha entre o capitalismo selvagem e a fé cega do Oriente**. Salvador: Editora Tapera, 2001.

FREITAS, Jotacê. **O Brasil está ficando terrivelmente terrível**. Salvador: Edição do Autor, 2019.

FREITAS, Jotacê. **O carro preto que assustou Itapuã**. Salvador, Edição do Autor, 2011.

FREITAS, Jotacê. **Cordel pandêmico**, Salvador: Edição do Autor, 2020.

FREITAS, Jotacê. **Cordel político pedagógico**. Salvador, Vento Leste, 2014.

FREITAS, Jotacê. **Espanque um velho na rua mas não maltrate um cachorro**. Salvador, Edição do Autor, 2021.

FREITAS, Jotacê. **A Garota Guerreira contra Jaime Fiducão**. Salvador: Oficina de Cordel, 2021.

FREITAS, Jotacê. **Heloísa Helena, a senadora queimada?**. Salvador: Editora Tapera, 2003.

[Freitas], JOTACÊ. **Jorge Amado não morreu**. Salvador: Editora Tapera, 2001.

[Freitas], JOTACÊ. **A luta dos fiscais contra a danação dos feirantes**. Salvador: Edição do Autor, 1998.

FREITAS, Jotacê. **Panvermina e Zabelê nas quebradas do Sertão**. Salvador: Fundação Cultural Estado da Bahia, 2005.

FREITAS, Jotacê. **O pastor que virou acarajé**. Salvador: Editora Tapera, 2003.

FREITAS, Jotacê. **O pincher miniatura que matou um pitbul**. Salvador: Editora Tapera, 2006.

FREITAS, Jotacê. **O prefeito que arrancou o pau dos velhos**. Salvador: Editora Tapera, 2005.

FREITAS, Jotacê. **O professor que morreu na porta do IPS**. In: **Cordel político pedagógico**. Salvador/Ba: Vento Leste, 2014, p. 71-74.

FREITAS, Jotacê. **Quem 'bullyr' com o colega pode ir pro internato**. In: **Cordel político pedagógico**. Salvador/Ba: Vento Leste, 2014, p. 50-52

FREITAS, Jotacê **O rei cego e os filhos maus**. Salvador: Ed. Vento Leste, 2010.

FREITAS, Jotacê. **São 33 carrapatos sugando a população.** In: **Cordel político pedagógico.** Salvador/Ba: Vento Leste, 2014, p. 70-71.

FREITAS, Jotacê. **Tem juiz se achando Deus mas nós sabemos que não!**. Salvador, Edição do Autor, 2018.

FREITAS, Jotacê. **Vão matar o Velho Chico para regar o sertão!**. Salvador: Editora Tapera, 2005

GOMES, José Carlos Teixeira. **Memórias das trevas. Uma devassa na vida de Antônio Carlos Magalhães.** São Paulo: Geração Editorial, 2001.

LESSA, Orígenes. Nota introdutória. In: LESSA, Orígenes; SILVA, Vera Lúcia de Luna e Silva [Orgs.]. **O cordel e os dismantelos do mundo.** Antologia 1. Nova série. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 1-14.

SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta a História. In: **O Cordel: testemunha da História do Brasil.** Antologia 2. Nova série. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987, p. 5-23.

SENN, Homero. Apresentação. In: **O Cordel: testemunha da História do Brasil.** Antologia 2. Nova série. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987, p. 3-4.

SILVA, Vera Lúcia de Luna e. A linguagem dos folhetos In: LESSA, Orígenes; SILVA, Vera Lúcia de Luna e Silva [Orgs.]. **O cordel e os dismantelos do mundo.** Antologia 1. Nova série. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 15-32.